



## Memória, história e identidade: as construções da lagartinidade *ontem e hoje*

ANSELMO FERREIRA MACHADO CARVALHO<sup>1</sup>

*Vibra Lagarto cheia de glórias. Que através da tua história. É esta grandeza envolvida em ternura. Assuero Cardoso*

### Lagarto de Adalberto Fonseca

A presente proposta de pesquisa trata de investigar a identidade cultural lagartense na contemporaneidade, percebendo os múltiplos lugares de construção da mesma e de suas mediações simbólicas, sejam escritas, orais e/ou memorialísticas. Esta identidade lagartense ou lagartinidade pode ser considerada como um conjunto de características que marcam a identidade cultural de Lagarto a exemplo de sua religiosidade, as suas manifestações culturais típicas, seus “filhos ilustres”, sua culinária, sua imagem pública (a forma como se mostram os lagartenses), seus eventos e/ou tradições construídas como a vaquejada, enfim, todos os aportes que identificam de forma *sui generis* a cidade de Lagarto e seus moradores. A lagartinidade foi uma expressão cunhada pelos moradores e expressa em Lei que institui o dia da lagartinidade como um evento cívico-cultural a ser comemorado no dia 20 de outubro em alusão à data de fundação da Vila de Nossa Senhora da Piedade, em 1697.<sup>2</sup> Consideramos Lagarto como uma comunidade imaginada, na afirmativa de Benedict Anderson, pois seus moradores mesmo sem se conhecerem na totalidade, e morando em distintas partes da cidade se identificam com uma narrativa ou conjunto de valores identitários. (ANDERSON, 2008)

---

<sup>1</sup>Professor do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Sergipe-IFS. Campus Lagarto. Graduado em História na UFBA e Mestre em História pela UEFS. Pesquisador do Grupo de Estudo em Educação, Ciência e Tecnologia-IFS cadastrado no CNPQ. Email: machado30anselmo@gmail.com. Este artigo é resultado do projeto do Pibic Jr. intitulado: A construção da identidade cultural lagartense: interface entre o conhecimento histórico, a memória local, suas fontes e o uso do cinema em sala de aula e suas implicações teórico-metodológicas, financiado pela Pró-Reitoria de Pesquisa e Extensão- PROPEX- IFS. Integram a pesquisa ACÁCIO NASCIMENTO FIGUEROA, Professor coorientador e pesquisador IFS – Campus Lagarto. Email: acacioan@zipmail.com.br; KELLY SANTOS SOUZA estudante do curso integrado de Edificações e bolsista do PIBIC JR. Email: [k.ellysantos@hotmail.com](mailto:k.ellysantos@hotmail.com) e JEISA RAIANA SOUZA SANTOS, estudante do curso integrado de Edificações e bolsista do PIBIC JR. Email: jeisaraiana@hotmail.com.

<sup>2</sup> PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGARTO. LEI nº 321 de 05 de abril de 2010, sancionada pelo prefeito José Valmir Monteiro. Ainda no seu Artigo 2º retrata que “O dia da Lagartinidade deve envolver a realização de atividades cívico-culturais, destacando a valorização das tradições da gente lagartense, assim como reflexões sobre a importância histórica e social de Lagarto no desenvolvimento do Estado de Sergipe”

Assim, boa parte das cidades, sobretudo do interior, tem seu memorialista, ou memorialistas. Eles cumprem a função de escrever a história do lugar sem a preocupação do rigor acadêmico e epistemológico. Com isso, são importantes fontes de estudo para a historiografia, pois guardam as memórias que vivenciaram e que construíram sobre a cidade. Adalberto Fonseca, natural de Campo do Brito-Sergipe, mas, lagartense de coração, nasceu em 1917, e transcorreu sua vida pelas paragens baianas e cariocas até chegar em Lagarto<sup>3</sup> onde casou-se e constituiu família pelos anos de 1940. Ele mesmo nos diz da importância do seu livro *História de Lagarto*, que começou a escrever em 1960, mas que somente fora publicado décadas depois. Assim relata Adalberto Fonseca, que “Não quis fazer apenas um livro de História, mas penetrar nas entranhas de um povo e colher o melhor por ele produzido. Conhecer seus costumes, narrar fatos que ao longo do tempo poderiam ser esquecidos por estarem apenas na memória de alguns poucos mais atentos” (FONSECA, 2002:326)

Sua obra, portanto, cumpre, ao nosso ver, uma dupla função, a primeira de salvaguarda da memória local, como disse o historiador Eric Hobsbawm, “uma das tarefas do historiador é lembrar o que os outros esquecem” (HOBSBAWM, 1995); e a segunda, a constituição de um corpus documental para pesquisas futuras, haja vista, além do acionamento de sua própria memória, Adalberto Fonseca nos disponibiliza em seu texto as fontes nas quais pesquisou a história de Lagarto.

Adalberto Fonseca nos informa que outro memorialista deixou seu testemunho sobre Lagarto. Tratava-se do Desembargador Gervásio de Carvalho Prata, que no início do século XX havia deixado para a posteridade, a brochura “*O Lagarto que eu vi*”, obra que não tivemos acesso. Porém, optamos, mesmo sabendo da existência deste memorialista, pela escolha de “*História de Lagarto*” de Adalberto Fonseca, livro de memórias que nos contempla com um quadro cronológico dos sujeitos políticos locais, dos sujeitos jurídicos, personalidades de destaque da cidade, como os notáveis Silvio Romero e Laudelino Freire<sup>4</sup>, com um mapeamento das

---

3 Cidade localizada a 78 km da capital Aracaju, na região Centro-Sul de Sergipe e que conta com pouco mais de 100 mil habitantes.

4 Sílvio Vasconcelos da Silveira Ramos Romero (Vila do Lagarto, atual Lagarto, SE 1851 - Rio de Janeiro RJ 1914). Crítico literário, poeta, ensaísta, pesquisador de folclore e filósofo. Cursa a Faculdade de Direito do Recife, entre 1868 e 1873. Nesse período, colabora como crítico em jornais pernambucanos e cariocas. Em 1878, estreia como poeta com *Cantos do Fim do Século* e publica o livro *A Filosofia no Brasil*. Membro da chamada *Escola de Recife*, é influenciado pelo positivismo e pelo pensamento de Kant, em seguida pelas ideias

manifestações artístico/culturais de Lagarto, das imagens e iconografia, desde freguesia, passando por vila no Século XVIII até chegar ao status de cidade em fins do XIX. Relatou as particularidades, falou dos “causos”, das taieiras, dos parafusos aos fragmentos e relatos da presença da escravidão em Lagarto, mesmo deixando em um plano secundário a presença negra na cidade. Para quem nunca ouviu falar de Lagarto, como foi o caso deste pesquisador logo de início, ler Adalberto Fonseca suscitou o interesse em conhecer mais, ter uma idéia geral do que a cidade representou para o estado de Sergipe e para o Brasil, fato que o sujeito mais famoso de Lagarto não se preocupou em compilar de forma específica.<sup>5</sup> Na visão do memorialista:

*Como é sabido, Lagarto foi celeiro da cultura brasileira de onde saíram valores dos mais variados, tendo como exemplo, o imortal Silvio Romero. Este, porém, jamais se preocupou em dar a Lagarto, contada em livros, a narrativa de um povo nascente dos mais tradicionais motivos que o fizeram publicar a maior obra até hoje no gênero, História da literatura brasileira. Por que nenhum dos valores apontados no dicionário do Dr. Armino Guaraná tiveram a lembrança de fazer isto. Coube a*

---

evolucionistas de Herbert Spencer e por fim pela Escola de Ciência Social. Em 1879, sua tese "A interpretação filosófica dos fatos históricos" é aprovada e Romero obtém a cátedra de filosofia no Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro. A experiência no ensino leva-o a escrever artigos sobre educação no jornal carioca *Diário de Notícias*, dirigido por Rui Barbosa, em 1891, ano em que é nomeado membro do Conselho de Instrução Superior por Benjamin Constant. Pesquisador da produção literária nacional, ele publica, em 1888, uma de suas obras mais importantes, a *História da Literatura Brasileira*. Assume o cargo de professor catedrático da Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais em 1896 e, dois anos depois, é eleito deputado federal por Sergipe, recebendo a tarefa de redigir o Código Civil Brasileiro. Viaja para a Europa em 1901, por indicação da Universidade de Coimbra, e recebe a medalha da Ordem de São Thiago, oferecida pelo rei dom Carlos I de Portugal. No ano seguinte, ingressa na Academia de Ciências de Lisboa e no Instituto de Coimbra, em Portugal. Após receber a aposentadoria, reside em Juiz de Fora, Minas Gerais, entre 1911 e 1912, e participa da vida intelectual da cidade, colaborando em jornais, com artigos e poemas. É um dos membros-fundadores da Academia Brasileira de Letras (ABL). Extraído de < <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa1871/silvio-romero> > Acesso em 30/01/2015.

Laudelino de Oliveira Freire, escritor, filólogo e lexicógrafo brasileiro, nasceu em Lagarto/SE, em 26 de janeiro de 1873 e faleceu no Rio de Janeiro, em 19 de junho de 1937.

Advogado, Catedrático de Geometria no Colégio Militar do Rio de Janeiro, Deputado Estadual em Sergipe (1894, 1896 e 1898). Foi membro e presidente da Academia Brasileira de Letras. Ardoroso defensor da ortografia simplificada, tendo sido o relator-geral da reforma ortográfica realizada pela Academia Brasileira de Letras e Academia das Ciências de Lisboa, em consequência do acordo de 30 de abril de 1931. Diretor da Revista de Língua Portuguesa e da Estante Clássica. Escreveu estudos teóricos e didáticos sobre a língua nacional, ensaios e crítica de literatura e de arte.

De sua vasta produção, destacam-se as obras: Escritos diversos (1895), Corografia de Sergipe (1900), Silvio Romero (1900), Os próceres da crítica (1911), Estudos de filosofia e moral (1912), Introdução ao curso de Psicologia e Lógica (1919), Clássicos brasileiros (1923) e Verbos portugueses (1934). Elaborou e supervisionou o Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa (cinco volumes), publicação póstuma.

Extraído de < <http://lagartonet.com/2011/04/05/laudelino-freire/> > Acesso em 30/01/2015.

<sup>5</sup> Apesar de Silvio Romero retratar que suas observações sobre o folclore brasileiro foram a partir da cidade de Lagarto onde viveu na infância. Assim retrata: “No Lagarto, cidade da província de Sergipe, foi que melhor as estudamos. Os brinquedos mais comuns são: *O Bumba meu boi, os marujos, o Cego, etc*” (ROMERO, 1954,52)

*mim, homem sem cultura, sem diploma, sem anel, essa tarefa de realizar.*  
(FONSECA, 2002:16)

A partir deste depoimento, percebemos que Adalberto Fonseca iconiza Silvio Romero como um dos referenciais que dão vida à cidade, nacional e internacionalmente (Hoje também representada pelo jogador lagartense Diego Costa que atua no futebol europeu), mas também se coloca como um dos que, mesmo sem a “legitimidade” acadêmica, escreveu sobre e para Lagarto.

A obra de Adalberto para nós cristaliza muitas memórias sobre a identidade local, mesmo sabendo que as identidades na contemporaneidade são fragmentadas, segundo Hall, sobretudo pelos processos da globalização. Então pomos em xeque as identidades fixas, e estamos nos reelaborando constantemente. Isto acontece com Lagarto, em um misto de cidade rural com os ventos modernos, que representa a perda gradativa de suas características mais tradicionais com a ressignificação de novos valores. (HALL, 1999)

Estas características mais recorrentes de Lagarto, percebidas na obra de Adalberto, nos faz pensar que o mesmo institui mitos de fundação. Adalberto Fonseca inventa seu Lagarto - algo parecido com o que Marilena Chauí chamou de mito fundador -, para depois muitos a inventarem do seu jeito e consoante seus interesses. A idéia de mito como momento imaginário da vida dos lagartenses que se legitima como início, como algo que fosse perene, pois aconteceu num dado período de tempo e se perpetua como uma representação constante na cabeça da população. (CHAUÍ, 2000)

Adalberto promove o debate, por exemplo, sobre a chegada dos primeiros colonizadores e o porquê da designação Lagarto, apontando duas vertentes explicativas e instituindo um debate ainda recorrente hoje em dia na cidade. (FONSECA, 2002:66-67)<sup>6</sup> Adalberto Fonseca se autoproclama detentor da cultura de Lagarto, desta *lagartinidade*. Quando perguntado sobre sua participação na vida política da cidade afirmava:

*Certo dia, uma terça ou quarta, eu ia passando pela porta da prefeitura, que eu não exerço função política nenhuma, não preciso. Mas eles sabem que as coisas que Lagarto tem... se tem uma bandeira fui eu que fiz, se tem um hino fui eu que fiz, se*

---

6 A primeira Hipótese seria um brasão das primeiras famílias colonizadoras que tinha um símbolo de Lagarto e a segunda, seria uma pedra de granito com forma de lagarto encravadas no rio homônimo que percorria os arredores da cidade.



*tem uma denominação fui eu que pesquisei. O que Lagarto tem culturalmente foi feito por mim. (SANTOS, 2008:149)<sup>7</sup>*

Nesta mesma entrevista se referia à sua importância no surgimento das Taieiras dos Parafusos e dos Cangaceiros, grupos folclóricos que o mesmo julgava ter incentivado e levado para conhecimento além das fronteiras da cidade de Lagarto. Além do hino, da bandeira e do brasão: ícones identitários que conformavam-se numa comunidade imaginada<sup>8</sup> ao seu gosto e que, ao lado dos eventos cívicos nacionais como o 7 de Setembro, dos grupos folclóricos, sobretudo, os parafusos, caracterizavam uma cidade de intensa vida cultural. (ANDERSON, 2008) Adalberto atribui suma importância à religiosidade católica lagartense como fragmento importante de sua identidade. Na sua obra, traça a religiosidade católica como fio condutor de outras manifestações a ela agregadas e como a comunidade se integrava, desde à época do festejado Monsenhor Daltro<sup>9</sup> até em despedidas de religiosos exaltando Lagarto e seu povo como um importante centro religioso do estado:

*Aqui chegando em 1968 Mário Rino Silvieri, quando foi nomeado coadjutor da Paróquia de Nossa senhora da piedade, como bem faz constar em seu curriculum vitae, 29 anos foram passados e a mesma predestinada cidade de Lagarto que com 26 anos de idade, com a missão de bem conduzir ou ajudar a conduzir a maior unidade católica do interior do estado.(FONSECA, 2002:299)*

Sobre os parafusos assim os definia, e ainda tecia críticas ao incentivo e à manutenção destas manifestações em face de outras mais “cosmopolitas”, digamos. Nas palavras do memorialista:

*Os parafusos, grupo originalmente formado por ex-escravos que fugindo das fazendas e vivendo em mocambos tiveram na hora de sua libertação razões para se manifestarem num ato de gozação aos seus antigos senhores, vestindo indumentárias roubadas das sinhás. Poderíamos ter levado outros grupos se o poder público tivesse nos ajudado, porém o que levamos foi fruto do nosso próprio esforço. Eu, Elza, Soledade e Amparo, numa tremenda luta, conseguimos recursos que pedimos ao comércio e a pessoas da comunidade. Poderíamos ter levado outros grupos como: Cacumbi, Taieiras, Reisados, Caboclinhos, encomendação das almas, Cana-Verde, Lanceiros, Zabumba, Samba de Coco, Marujada e outros. Mas levar como? O poder público gasta somas fabulosas colocando nas ruas trio-elétricos em*

---

7 Entrevista concedida por Adalberto Fonseca aos autores em 22/12/1997.

8 A região, comparativamente com idéia de nação, obviamente que em menor escala, é também intencionalmente imaginada resguardados os seus limites e sua soberania. Uma imagem de comunhão foi pensada para a Lagarto e conformada para os lagartenses, mesmo que, a maioria destes não se conhecessem na sua totalidade.

9 SANTOS, Claudfranklin Monteiro.(Org). **Monsenhor de Carvalho Daltro- Apontamentos e fragmentos biográficos.**Lagarto, Prefeitura Municipal, Faculdades AGES,2011.

*vez de apoiar a formação dos grupos folclóricos para se apresentarem em dias de festejos. (FONSECA, 2002:215)<sup>10</sup>*

Notamos aí a ausência de políticas públicas municipais para custeio e apoio aos grupos folclóricos, mesmo em nível nacional o folclore ter sido prioridade durante a política cultural da ditadura militar (CARVALHO, 2013)<sup>11</sup>. Segundo Adalberto Fonseca foi na gestão do prefeito José Ribeiro de Souza (1970-1972), que obteve ajuda para fixar o marco de Santo Antonio, Cruz das almas, como núcleo fundador da cidade cuja placa levava seu nome como idealizador, e que teve apoio ao seu livro.<sup>12</sup> Talvez, influenciado pelo momento cultural do país, vigência da ditadura militar, marcada pelo civismo e pela construção de uma identidade nacional homogeneizadora. Inclusive, numa parte de seu livro de memórias relatava a passagem do ditador Figueiredo na cidade de Lagarto e o entusiasmo com que o povo o recebera. Isto ratifica, portanto, as influências indiretas na escrita do nosso memorialista que se preocupou em firmar marcos que instituem a história de Lagarto.

Ademais, podemos nos arriscar a falar de lugares de memória, na acepção de Pierre Nora, pois nos ajuda a pensar os lugares de memória da cidade de Lagarto, sejam eles, os memorialistas, os monumentos, as formas de ver e dizer Lagarto e os lagartenses, que não são cristalizados na sua totalidade, muito pelo contrário, ganham vida através da memória, pela qual as pessoas se identificam e reproduzem.<sup>13</sup> Ainda, segundo, Nora, “os lugares de memória são, antes de mais nada, restos. [...] São rituais de uma sociedade sem ritual, sacralidades passageiras em uma sociedade que dessacraliza, ilusões de eternidade.” (NORA, 1993:7-23)

Podem ser divididos em três categorias, a saber: lugares materiais onde a memória social se sustenta e pode ser apreendida pelos sentidos; lugares funcionais porque têm ou adquiriram a função de alicerçar memórias coletivas e os lugares simbólicos onde essa memória coletiva –

---

10 Sobre Folclore Lagartense e sobre a ida destes grupos citados ao Décimo oitavo festival do Folclore de Olímpia São Paulo em 1982. Ainda na página 221, o autor ratifica a originalidade dos parafusos e a sua especificidade como sendo de Lagarto em debate narrado pelo autor com uma pesquisadora da cidade de Laranjeiras-SE.

11 Ver o primeiro capítulo que versa sobre a prioridade do Conselho Federal de Cultura dada ao folclore.

12 Ver Decreto municipal nº 41 de 21 de abril de 1971. Prefeitura Municipal de Lagarto.

a identidade lagartense, por exemplo - se expressa e se revela.<sup>14</sup> A obra de Adalberto Fonseca é, portanto, uma encruzilhada de lugares carregados de uma vontade de memória.

### **As apropriações da memória de Lagarto**

Podemos pensar as apropriações da memória de Lagarto pelos novos sujeitos a partir da memória de Adalberto Fonseca. Como reproduzem ou desconstruem alguns aspectos que nos traz nosso memorialista. As lutas de representações, as memórias, a oralidade, as práticas homogeneizadoras constituem o processo da diversidade do fazer histórico. Por isso, a definição e construção da cidade, da história e do político decorrem também, dentre outras coisas, das maneiras como se conformam os discursos: se para silenciar ou se para afirmar tradições/valores já perpetuados.

Daí a importância de se pensar o conceito de representação e apropriação, ao entendermos que as memórias são também representações do passado de Lagarto e que ao mesmo tempo são apropriadas num constante movimento de reelaboração. Ao estudar as formas de leitura e a circulação dos textos no Antigo Regime, Roger Chartier nos coloca o seu conceito de apropriação como visando a uma história social dos usos e das interpretações, relacionados às suas determinações e que se referem às práticas específicas que os constroem (CHARTIER, 2002:66). Grosso modo, interessava entender como os textos chegavam aos leitores, os modos distintos como estes se apropriavam dos mesmos e os sentidos que lhes davam, bem como as formas materiais dos impressos e as maneiras através das quais deveriam ser lidos. (CHARTIER, 2002:68)

As representações, neste caso, seriam os discursos que dão sentido à realidade, ou mesmo operações intelectuais que apreendem a mesma e que devem ser pensadas e articuladas às formas pelas quais os grupos sociais se apropriam e se utilizam destas representações. Os estudos culturais têm trazido à tona esta perspectiva, sobretudo, quando consideram as identidades nacionais como representações construídas. Dentre os teóricos mais importantes

---

14 Por exemplo, os lugares materiais elencados na obra como as praças, as escolas, as ruas com nome dos notáveis, os funcionais como o marco fundamental da cidade e os simbólicos como o nome de Lagarto, os grupos folclóricos etc.

destaca-se Stuart Hall. Em seu estudo, o autor faz um percurso sobre a fragmentação dos sujeitos e os deslocamentos ao longo da história: de sujeito do iluminismo (centrado e baseado numa razão), passando pelo sujeito sociológico (em contato com o mundo social) até o sujeito pós-moderno. Este último, é que marca segundo Hall, as fragmentações das identidades no mundo globalizado, quando elas escapam a uma rigidez identitária. (HALL, 1999)

Trazendo esta discussão para a historiografia, entendemos que as identidades vistas como um dado primordial, essencialista, estariam desprovidas de sua historicidade e, portanto, isentas de relações sociais, culturais e políticas. Esta concepção, segundo Hall, estaria em crise, com o mundo globalizado e sua expansão mundial. Ou seja, novas identidades fragmentadas e híbridas, ganham corpo frente às identidades fixas.

Chama-nos a atenção também, e Hall, entende como uma das formas de construção narrativa da nacionalidade: a invenção das tradições. Muitas tradições que são consideradas como antigas, na verdade são elaborações modernas e cumprem funções intencionais. Para os autores, este processo se dá pela repetição e pela reapropriação de costumes pré - existentes e pelos quais, inclusive, os grupos sociais lutam, ou para mudar ou para conservar determinadas práticas culturais. (HOBSBAWN & RANGER, 1984:09-23)

As tradições inventadas, portanto, são entendidas como elementos de disputas e de adaptações de interesses específicos, muitas vezes, para conter a elaboração de novas identidades ou para manter a nação “unida” e coesa em torno dos símbolos nacionais. Nos alerta também, para a utilização de um passado apropriado, que ganha sentido no presente quando se faz uso dele para se estabelecer símbolos nacionais.

A partir deste ponto, estabeleço uma analogia entre representação e identidade. Segundo Hall, as identidades nacionais, regionais e locais – para ser mais abrangente - não são naturais, elas se estabelecem, sobretudo, através dos signos e das representações. Logo, os signos/representações produzem sentidos que fazem os indivíduos ou grupos compartilharem de significados comuns em relação a uma identidade. Podemos pensar estes signos/representações inseridos num campo de concorrências pelos quais os diferentes grupos tentam impor a sua visão de mundo aos demais. E o fazem isto, muitas vezes, sem o uso da



violência, mas, através do processo de uso da representação para fazer marcar seu espaço numa dada realidade e assim, atribuir sentido às representações de que dispõem.

Ademais, feita esta pequena incursão teórica sobre representações /identidades cabe-nos a seguinte problematização: como as memórias de Adalberto Fonseca são apropriadas pelos lagartenses e quais novas elaborações identitárias estão sendo recriadas e/ou incorporadas ao arsenal das memórias antigas?

Para isto recorreremos às mais diversas fontes, desde depoimentos orais de sujeitos de inserção na cultura lagartense, até obras literárias, livros, relatos e panfletos jornalísticos sobre a cidade. Alguns itens são reforçados e outros ressignificados. O nome Lagarto é uma marca do memorialista Adalberto Fonseca, assim como o hino, a bandeira, a defesa das tradições lagartenses, como já mencionamos. Boa parte de nossos entrevistados atribuem a idéia da pedra em formato de Lagarto como surgimento do nome, corroborando assim uma das hipóteses deixadas por Adalberto Fonseca. Edclécia Santos, agente cultural do município, assim explana:

*Então, tem três versões ne? Uma versão que a gente começou agora a chamar de meio mitológico, que é a versão de uma pedra, que tinha o formato de um lagarto...Seria um mito de fundação da cidade?É, seria um mito, Roma não tem um mito?Lagarto também tem um mito também, que seria o mito da pedra, tem a outra versão que é porque no brasão da família que colonizou lagarto, tinha três lagartos, no brasão. E tem a versão que é a mais recente, que é a versão que era o nome da, o sobrenome da família do colonizador daqui. Ele era alguma coisa lagarto, o nome dele, a família dele era uma família de Portugal que tinha esse sobrenome, lagarto e por isso ele colonizou e colocou o nome da família. Essa é a versão mais atual e que agora os historiadores estão começando a implantar aqui para as pessoas começarem a acostumar e não acreditarem só na versão da pedra.<sup>15</sup>*

Como vimos, falas assentadas em pesquisas historiográficas, a exemplo do professor da UFS, lagartense, Claudefranklin Monteiro, citado em várias passagens das entrevistas como

---

15 Depoente 06. Entrevista concedida ao pesquisador Anselmo Ferreira Machado Carvalho. Lagarto, 06 de Agosto de 2014. Já o Depoente Floriano Fonseca, pesquisador lagartense e filho de Adalberto nos relata: “Olha, existe várias opções, há mais antiga é a da pedra né? uma pedra em formato de Lagarto, os estudos de meu pai levaram a construção do nome através do fundador do sesmeiro que tinha como símbolo do brasão dele um lagarto de prata salpicado de ouro e que ele colocou na porta da fazenda, ainda existe essa fazenda aqui no Santo Antônio, mas o símbolo não. Eu continuei as pesquisas do meu pai e eu encontrei um documento que fala sobre a pedra com mais firmeza, hoje a opção de outros historiadores é pelo nome do Sesmeiro, mas a minha hoje é a da pedra, mas não tenho ainda bem formado não”.Depoente 02 .Entrevista concedida à pesquisadora Jeisa Raiana. Lagarto, 09 de Agosto de 2014.

referencial contemporâneo da história de Lagarto, atribui outra significação ao termo Lagarto, levando a um embate entre a perspectiva memorialista e a pesquisa histórica. Assim afirma:

*A explicação é muito simples, o nome Lagarto não vem de uma pedra com formato de um réptil. O nome Lagarto vem da família de Antônio Gonçalves de São Tomé. Quem foi Antônio Gonçalves de São Tomé? Foi um soldado militar e português que veio pra Sergipe com Cristovão de Barros. O fundador de Sergipe! (...) ....Esse Antônio Gonçalves de São Tomé era filho do Cristovã ou Cristobã Lagarto. Lagarto é um sobrenome. Aí eu recorri a genealogia para compreender a origem das famílias, e eu fui me bater no século 14, a família Lagarto é uma família de origem hispânico portuguesa. Uma família tanto espanhola quanto portuguesa que se tornou tradicional ao longo do século 15, 16. Então, o nome Lagarto não é de uma pedra, o nome Lagarto é do sobrenome da família do fundador de Lagarto.<sup>16</sup>*

Outro aspecto que aparece nos entrevistados é a sua autoapresentação como lagartenses. Assim como em Adalberto, a imagem pública do lagartense corrobora o teor “bairrista” e expressividade do lagartense, fator determinante em sua identidade. Assim relata um depoente sobre sua relação com a cidade,

*A gente tem uma fama de ser pavão. Pavão é aquele animal que quando vê outro aquela ave, se abre pra mostrar a boniteza, né, essa é a nossa fama que a gente leva, tenho andado em muitos lugares, é a fama que a gente leva, mas pra mim é bom, porque o que é bonito é pra se mostrar, né? Então, mas assim a grande identidade do povo de Lagarto um povo acolhedor.<sup>17</sup>*

O grupo folclórico os Parafusos - boa parte dos entrevistados entende que é o que marca, de fato, a identidade lagartense- assumindo, desta forma, aquela expressão bastante peculiar de Lagarto. Assim os define o membro da Academia Lagartense de Letras:

*Os parafusos enquanto uma manifestação folclórica originariamente de lagarto, representa bem a identidade local, já que você não tem outro grupo, não é, que se apresente da mesma forma, com as mesmas características, nesse país, então nesse sentido sim, os parafusos representam a identidade lagartense.<sup>18</sup>*

Floriano Fonseca já nos lança outro olhar sobre o grupo na contemporaneidade:

*Ao contrário do meu pai e de outras pessoas, eu não considero os parafusos um grupo folclórico, mas sim uma invenção. Porque a própria música dos parafusos ela é tocada hoje de forma errada, na verdade ela é um vira, vira é um estilo de música português, não é uma música africana e aquela história que foi contada eu acho*

16 Depoente 01. Entrevista concedida à pesquisadora Jeisa Raiana Souza Santos . Lagarto, 11 de junho de 2014.

17 Depoente 08. Entrevista concedida à pesquisadora Jeisa Raiana Souza Santos. Lagarto 20 de setembro de 2014.

18 Depoente 03. Anselmo Vital. Entrevista concedida à pesquisadora Kelly Santos Souza. Lagarto, 14 de agosto 2014.

*muito fantasiosa, o meu pai tirou isso dos velhos, o meu pai ouvia muito em que diziam que os negros passavam na frente da igreja e o padre disse: “Olha eles dançam como parafusos”, primeiro porque aqui em Sergipe a influência dos negros de origem mulçumana foi forte como na Bahia, existe uma dança especialmente na Turquia de origem afro, então eu acho que de certa forma foi uma questão religiosa trazida que se perdeu. E como é que se tornou? Porque hoje os parafusos estão descaracterizados. Porque os parafusos antes alguém trazia, quem puxava os parafusos era um índio. Por que tinha esse índio? Então, eu não considero assim que eles representam, foi utilizado, foi trabalhado, mas eu não considero os parafusos como símbolo de Lagarto. Quem eu colocaria, nós não temos mais taieras, esses que temos aqui não são mais grupos folclóricos, são parafolclóricos. Não tem mais a chegança, não existe na verdade mais nenhum grupo folclórico na cidade de Lagarto. Existe uma associação de folclore, mas na verdade é uma associação parafolclórica. Por quê? Porque o folclore é aquele que nasce da população e ela não tem aquilo, por exemplo o São Gonçalo ali de Laranjeiras ele é de dentro da população, eles conservam aquilo no dia-a-dia.<sup>19</sup>*

O historiador Claudefranklin pondera que nosso memorialista Adalberto Fonseca foi o divulgador dos parafusos e que outrora, Laudelino Freire já citava o referido grupo cultural como referencial. Mas sua maior contribuição está na síntese que elaborou da identidade lagartense, afirma o pesquisador:

*O jeito pavão do lagartense! Eu consultando uma documentação antiga há um documento do início do século XX onde a se referir aos lagartenses um memorialista, um padre salve engano, dizia que uma das características do povo lagartense era vestisse bem para as festas. Vejam que é uma coisa que ainda mantém. Então, a religiosidade, o campo e o mostrar-se são três elementos que se juntam para formar essa identidade do povo lagartense.<sup>20</sup>*

Esse tripé: o “mostrar-se, a religiosidade e vida ainda rural” são elementos contidos na obra do memorialista Adalberto e que ainda permeia o universo contemporâneo, assim como fora citado por quase todos os entrevistados como traços da lagartinidade. A religiosidade, a culinária<sup>21</sup>, a origem étnica (todos ressaltam a predominância branca, alguns retratam o caráter da miscigenação, o que nos faz pensar no silenciamento da cultura afro-brasileira na cidade), os monumentos históricos que representavam a vida social da cidade e a política sempre “truncada” são continuidades das representações contidas em *História de Lagarto*.

---

19 Depoente 02. Entrevista concedida a pesquisadora Jeisa Raiana. Lagarto, 09 de Agosto de 2014.

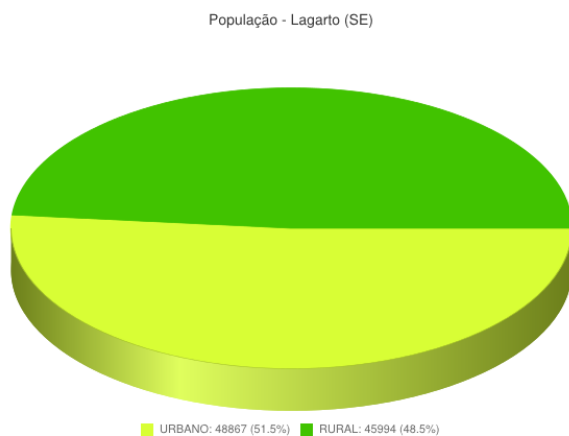
20 Depoente 08. Entrevista concedida à pesquisadora Kelly Santos Souza. Lagarto, 08 de agosto 2014.

21 A referência mais recorrente é o prato maniçoba aos sábados e o arroz de galinha às sextas feiras.

Confrontando as entrevistas com os dados estatísticos chegamos há uma interseção de uma cidade que se assenta no meio urbano e rural, haja vista ser uma das poucas cidades com mais de cem mil habitantes a ter equilíbrio entre a população rural e urbana. No depoimento:

*Claro que o que mais marca pra mim a cidade de Lagarto é a tradição entre uma cidade rural e uma cidade em processo de urbanização constante e com a ampliação de uma cidade industrial e agora de serviços, do setor de serviços. Então, a cidade de Lagarto é marcada pra mim por, é uma cidade comprometida com a zona rural, com a vida no campo, os povoados, os povoados fortes, e uma vida mais pacata e agora nesses últimos, eu acho que vinte anos, nesses últimos tempos, passa por esse processo de urbanização e essa urbanização tem conseqüências e muda totalmente a história de Lagarto, a forma de entender Lagarto, hoje uma cidade já com mais de cem mil habitantes<sup>22</sup>.*

Floriano Fonseca nos complementa esta idéia: “ Só para gente ter uma idéia assim, no início do século XX o brejo tinha mais casas do que a cidade, então os povoados eram mais importantes do que o próprio núcleo da cidade<sup>23</sup>. E consultando as bases estatísticas vemos ainda um ambiente rural:



Fonte: <[http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/webservice/frm\\_dom\\_ocu\\_entrevista.php?codigo=280350](http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/webservice/frm_dom_ocu_entrevista.php?codigo=280350)>.

Acesso em 12/12/2014.

Como vimos, as identidades reproduzidas e/ou reforçadas a partir do memorialista reafirmam a nosso ver a cidade de Lagarto como uma terra de intelectuais (em todas as entrevistas é citada esta referência), da política mais conservadora e calcada em valores patrimonialistas, muitas vezes visibilizada nas festas cívicas da cidade. Com seu vasto patrimônio imaterial e material, a exemplo dos casarios e igrejas com seus festejos e um extenso calendário anual,

22 Depoente 05. Entrevista concedida à Pesquisadora Jeisa Raiana. Lagarto, 11 de junho de 2014.

23 Depoente 02. Entrevista concedida a pesquisadora Jeisa Raiana. Lagarto, 09 de Agosto de 2014.



seu jeito peculiar de ser; a cidade de Lagarto foi sendo inventada pelo memorialista e pelos que reproduziam estas identidades. Todavia, concomitante a isso, novas configurações identitárias surgem, afirmando também, mas fissurando esta identidade consolidada, como por exemplo, levantamos a hipótese da cena teatral contemporânea<sup>24</sup>, a Vaquejada da cidade – misto de tradição inventada e evento turístico<sup>25</sup>-, a música<sup>26</sup>, a poesia local<sup>27</sup>, a Academia Lagartense de Letras<sup>28</sup>, esta última reforçando a tradição de Silvio Romero e Laudelino, como um lugar de produção literária, mas buscando ressignificar outros valores como aponta um acadêmico alertando que, “o intuito da Academia de Letras é preservar a memória, congregar uma entidade que se possa discutir essas questões voltadas aos interesses da comunidade, notadamente os interesses culturais”.<sup>29</sup>

Para a juventude atual, a Lagarto de Adalberto Fonseca está muito longe, até mesmo por conta da distancia temporal *stricto sensu*, mas, sobretudo pela ressignificação dos espaços, das atitudes e das apropriações do passado. Quando perguntado sobre Sílvia Romero e Adalberto Fonseca, o que eles representavam? O jovem responde sobre o primeiro “ Em mim nada. Até porque ele não fala de Lagarto. E era totalmente conservador” e sobre o segundo “pouco conhecia”.<sup>30</sup> Mas também, carregam consigo também as influências, num misto entre passado e presente:

*A característica, dessa vontade dessa nova geração que ta surgindo em Lagarto e buscar mais para o lado da poesia, para o lado da escrita, geralmente eu escrevo algumas coisas assim que também é publicado nesses saraus que a gente organiza,*

---

24 Captaneado, sobretudo, pelo grupo teatral Cobras & Lagartos.

25 Ver o **GUIA DO COMERCIO DE LAGARTO**. Lagarto: 2 ed Editora Info graphics, 2010-2011. A vaquejada aparece no Box “Shows e eventos/ Atrativos turísticos” onde é ressaltada a sua existência há 50 anos atraindo muitos visitantes que se concentram no Parque Zezé Rocha, de propriedade do ex- prefeito da cidade e idealizador do evento.

26 SANTOS, Claudfranklin Monteiro & CARDOSO, Assuero (Org). **Nos Bailes da vida**. Aracaju: J Andrade, 2013. Livro que conta a saga da banda Los Guaranis, talvez a maior expressão musical da cidade.

27 Destaco aqui a obra que tivemos acesso. CARDOSO, Assuero. **Lagarto em verso & trova**. Aracaju: J Andrade, 2013

28 Ver site. <http://allsergipe.com/> A **ACADEMIA LAGARTENSE DE LETRAS**, também designada pela sigla **ALL**, fundada em 16 de fevereiro e instalada em 19 de abril de 2013, é pessoa jurídica de direito privado, associação de fins não econômicos e de duração por tempo indeterminado, sediada no prédio da OACI Idiomas (Espaço das Letras), localizado na Rua Cel. Souza Freire, 54, Centro, com sede e foro no município de Lagarto, Estado de Sergipe.

29. Depoente 03. Entrevista concedida ao pesquisador Anselmo Machado em 12/01/2015.

30 Depoente 07. Pedro Cazoy. Entrevista concedida ao pesquisador Anselmo Ferreira Machado Carvalho. Lagarto, 13/01/2015.

*então nessa vontade de trazer o que por um tempo ficou abafado, ficou esquecido em Lagarto, essa vontade de trazer de novo para o jovem, a vontade de expor o que você faz e saber da sua origem lagartense né, fazendo com que privilegiar a cidade por meio da sua arte mesmo, é essa a vontade.<sup>31</sup>*

## **Conclusão**

Ao tratar de temas referentes às identidades culturais nos remetemos às formas como uma sociedade se manifesta através da cultura e da memória, dos sujeitos históricos e de suas impressões deixadas no tempo e no espaço. Sendo assim, a cidade de Lagarto é marcada por esta lagartinidade que se configura no tempo, mas que também vai se adaptando e se transformando, assim como o réptil lagarto, cuja existência é atrevida em muitos habitats na natureza. Decerto, é uma memória assentada na produção cultural intensa, seja ela letrada – da qual recorreremos – ou, das expressões orais que refletem as mais variadas construções memorialísticas.

## **Fontes**

### **Depoimentos Orais**

D1- Depoente 01. Claudefranklin Monteiro Santos. Professor da UFS, Historiador lagartense e Membro da Academia Lagartense de Letras.

D2- Depoente 02. Floriano Santos Fonseca. Pesquisador da Cultura lagartense. Idade: 55 anos

D3- Depoente 03. Anselmo Vital Soares. Professor do IFS, agente cultural e Membro da Academia Lagartense de Letras.

D4- Depoente 02. Alailson Pereira Modesto. Sociólogo, professor e agente cultural.

D5- Depoente 05. José Horimo Medeiros dos Santos. Sociólogo e professor. Idade: 33 anos.

---

<sup>31</sup> Todo fim de mês acontece o Sarau, espaço de sociabilidade onde jovens lagartenses se reúnem na praça da Caixa D'água para recitar, tocar e cantar. Como relata uma depoente "Bom, eu venho aqui poucas vezes, mas todas as vezes que eu venho, eu sempre dou de cara com essa questão poética. Toda vez que eu venho eu sempre vou ver o que? Tem um grupo que se junta lá caixa d'água (baixo da caixa d'água, não sei se é isso) que é uma praça aqui, e eles sempre fazem isso, poesia, música, eles exploram muito essa questão poética" Depoente 12. Tina Thais. Entrevista concedida ao pesquisador Anselmo Ferreira Machado Carvalho. Lagarto, 15 de dezembro de 2014.

D6- Depoente 06. Edclécia Santos, membro-fundadora da Companhia de Teatro Cobras e Lagartos, que iniciou suas atividades em 2003, atualmente trabalha no Departamento de Cultura da Prefeitura de Lagarto. Formada em secretariado executivo, pela UFS, pós-graduada em psicologia organizacional.

D7- Depoente 07. Pedro Casoy. Ator, estudante e membro da Companhia de Teatro Cobras e Lagartos.

D8- Depoente 08. Rafael Santos. Assistente paroquial da Matriz de Lagarto-SE.

D9- Depoente 09. Marconiedes Araujo da Silva, Servidor Público, natural de Itapicuru/BA

D10- Depoente 10. Magna Calazans, estudante lagartense.

D11- Depoente 11. Rose Elaine Santos Bonifácio, estudante lagartense.

D12- Depoente 12. Tina Thais, estudante lagartense.

### **Fontes escritas**

FONSECA, Adalberto. **História de Lagarto**. Banese, 2002.

**GUIA DO COMERCIO DE LAGARTO**. Lagarto: 2 ed Editora Info graphics, 2010-2011.

**PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGARTO**. LEI nº 321 de 05 de abril de 2010.

ROMERO, Silvio. **Folclore Brasileiro- Cantos populares do Brasil**. TOMO I e II. Rio de janeiro: José Olympio Editora, 1954.

### **Referências Bibliográficas**

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**. São Paulo: Cia das Letras, 2008.

CARVALHO, Anselmo F. M. **A Bahia Constrói o seu futuro sem destruir o seu passado**. Feira de Santana: EDUEFS, 2013.

CHARTIER, Roger. “Por uma sociologia histórica das práticas culturais” IN: **A história cultural: entre práticas e representações** Lisboa: DIFEL; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CHAUÍ, Marilena. **Brasil: mito fundador e sociedade autoritária**. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2000.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice/Revista dos Tribunais, 1990.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro, DP & A 1999.

HOBSBAWM, Eric. **A era dos extremos: o breve século XX**. — São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOBSBAWM, Eric & RANGER, Terence (org.). Introdução. In: **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984, p. 09-23.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

NORA, Pierre. **Entre história e memória: a problemática dos lugares**. Revista Projeto História. São Paulo, v. 10, p. 7-28, 1993.

SANTOS, Claudefranklin Monteiro(org.) **Uma cidade em pé de guerra: Bole Bole x saramandaia**. Aracaju: Gráfica J.,2008.

SANTOS, Claudefranklin Monteiro.(Org). **Monsenhor de Carvalho Daltro- Apontamentos e fragmentos biográficos**.Lagarto, Prefeitura Municipal, Faculdades AGES,2011

SANTOS, Claudefranklin Monteiro & CARDOSO, Assuero (Org). **Nos Bailes da vida**. Aracaju: J Andrade, 2013.